



## **Análise dos fatores que interferem na aprendizagem de alunos do 1º ao 3º do Ensino Fundamental no município de Ocara**

*Verônica Holanda da Silva<sup>1</sup>; Adelar Hengemühle<sup>2</sup>*

**Resumo:** Existem muitas discussões sobre as mudanças que o sistema educacional brasileiro tem sofrido nas últimas décadas, para atender às novas demandas provenientes do processo de universalização da educação. Porém, com base nessas mudanças é que se faz surgir o desafio de proporcionar educação de qualidade para todos. Desafios esses, que não são poucos nem tão pouco fáceis de enfrentar. No entanto, é preciso reconhecer que a educação já alcançou varias conquistas, pelo qual tem feito com que a esperança se renasça a cada novo dia. O presente trabalho parte do pressuposto que é preciso investigar, observar e analisar nossas escolas para conseguirmos obter resultados mais reais e significativos. Portanto, terá como objetivo analisar os aspectos que dificultam a aprendizagem de alunos do 1º ao 3º ano de uma escola pública de Ocara, tentando compreender até que ponto professores e escola podem contribuir para efetivar uma educação de qualidade. A população investigada foi de 40 sujeitos, entre professores, pais e alunos do 1º ao 3º ano, de escolas públicas de Ocara. Todos os sujeitos responderam a questionários que nos deram informações reais sobre o dia a dia de sala de aula e familiar, enfocando aos momentos de aprendizagem. Na verdade, teve um cunho investigativo como a finalidade de discutir, após os resultados na possível elaboração de estratégias que possa contribuir com a escola e secretaria de educação na efetivação de uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Dificuldades. Estratégias. Aprendizagens.

## **Analysis of the factors that interfere in the learning of students from 1st to 3rd grade in the municipality of Ocara**

**Abstract:** There are many discussions about the changes that the Brazilian educational system has undergone in recent decades, in order to meet the new demands arising from the process of universal education. However, based on these changes, the challenge is to provide quality education for all. Challenges that are not few or so easy to face. However, it must be acknowledged that education has already achieved many achievements, which has made hope reborn with each new day. The present work is based on the assumption that we must investigate, observe and analyze our schools in order to obtain more real and meaningful results. Therefore, it will aim to analyze the aspects that make learning difficult for students from the 1st to 3rd year of a public school in Ocara, trying to understand the extent to which teachers and school can contribute to a quality education. The population investigated was of 40 subjects, between teachers, parents and students from the 1st to 3rd year of public schools in Ocara. All the subjects answered questionnaires that gave us real information about the day to day classroom and family, focusing on the moments of learning. In fact, it had an investigative character as the purpose of discussing, after the results in the possible elaboration of strategies that can contribute with the school and secretariat of education in the accomplishment of a meaningful learning.

**Keywords:** Difficulties. Strategies. Learning.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação pela Universidade do Futuro Ciências Educativas e da Construção da Cidadania-UNIFUTURO. Orlando-Fl.  
Contato: veronicaholanda2009@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade do Futuro Ciências Educativas e da Construção da Cidadania-UNIFUTURO. Orlando-Fl.

## Introdução

Sabe-se que a aprendizagem surge a partir do nascimento da criança. Onde a mesma aprende desde cedo vários mecanismos que o ajudam a suprir suas necessidades.

Nessa perspectiva a aprendizagem é a condição de mudança de comportamento. Quando alguém assimila algo novo ela tende a mudar. Isso porque independente de aceitar ou não o novo conhecimento, agora ele não tem só uma informação, tem aquele tinha a que conheceu e assim sucessivamente. Tudo isso promove no indivíduo conflitos entre o que sabia e o que sabe agora. Porém é nessas condições que se efetiva a aprendizagem e a transformação do sujeito aprendente. Segundo Vygotsky (1991):

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1991, p. 115).

Paulo Freire também enfatiza que: “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Dessa forma, precisamos compreender que a prática educativa não se dá apenas no contexto escolar, mas em todo ambiente em que o indivíduo esteja inserido. Porém, é sabido que a escola é o espaço que garante ou devia garantir a aprendizagem de forma sistemática e principalmente igualitária.

A aprendizagem é possivelmente um dos processos mais importantes do comportamento humano. Pode-se afirmar que tudo que o ser humano faz, pensa e percebe é aprendido. Aprendemos o que comer e beber, como nos abrigar e vestir, como falar e agir, aprendemos nossos papéis sociais, nossos preconceitos, valores e atitudes. Aprendemos a aprender. (Mota, 2013, p. 05)

É preciso compreender que a prática educativa não se dá apenas no contexto escolar, mas em todo ambiente em que o indivíduo esteja inserido. Porém, é sabido que a escola é o espaço que garante ou devia garantir a aprendizagem de forma sistemática e principalmente igualitária.

Entretanto, por mais que se discuta e se faça valer uma educação de qualidade. Nossas escolas estão aquém dos objetivos almejados. Isso porque ela não consegue ser suficientemente eficaz para todos. Ela não é capaz de promover uma prática que atenda as diferenças e principalmente de atender àqueles que têm maior privação social de conhecimento (na verdade é a maioria). Então, a escola passa a ser o espaço que reproduz ideologias dominantes, excluindo um grupo de discentes que frequentam a escola, mas que não conseguem ascensão social e acabam sendo marginalizados por um sistema capitalista cruel e opressor. E como ressalta Valle:

Ainda que a escola proclame, persistentemente, sua função de instrumento de mobilidade social, seus estudos vão revelar o caráter ilusório desta promessa, demonstrando que ela exerce um papel crucial na perpetuação das desigualdades frente à cultura. A ingenuidade face ao processo de democratização da educação fica conseqüentemente evidenciada assim como o fato da escola funcionar como uma máquina de seleção social. (VALLE, 2013, p. 419).

Estudos de Gardner (1995), também foram muito relevantes no contexto escolar. Isso porque através de suas convicções podemos constatar a enorme e variadas habilidades que podemos perceber nos alunos, além do tão discutido e “prioritário” leitura e escrita.

Gardner listou sete inteligências consideradas importantes de serem analisadas e respeitadas no ser humano. Para ele não existe uma que sobressaia a outra são diferentes e particulares para cada indivíduo. Ele comenta:

O ponto importante aqui é deixar clara a pluralidade do intelecto. Igualmente, nós acreditamos que os indivíduos podem diferir nos perfis particulares de inteligência com os quais nascem, e que certamente eles diferem nos perfis com os quais acabam. Eu considero as inteligências como potenciais puros, biológicos, que podem ser vistos numa forma pura somente nos indivíduos que são, no sentido técnico, excêntricos. Em quase todas as outras pessoas, as inteligências funcionam juntas para resolver problemas, para produzir vários tipos de estados finais culturais-ocupações, passatempos e assim por diante. (GARDNER, 1995, p. 15-16).

Assim, podemos considerar que a aprendizagem escolar tem sido considerada como falha, além de outras coisas, porque de certa forma não respeita as particularidades dos indivíduos nem tão pouco fortalece as habilidades que são trazidas pelos alunos ao inserir no contexto escolar.

Todos os teóricos estudados têm sido de grande valia para a elevação da educação, pois contribuem diretamente ou indiretamente para que profissionais da educação possa entender todo o processo de desenvolvimento das inteligências humanas como também da relevância dos mesmos para criar estratégias que auxiliem na aquisição da aprendizagem dos alunos.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, qualitativa, cujo universo foi representado por núcleo gestor, professores, pais e alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Compreendendo assim 08 componentes do núcleo gestor, 12 professores, 30 alunos e 30 pais. Totalizando 80 membros.

Os instrumentos foram questionários formatados para atendimento aos propósitos da pesquisa, entrevistas e observação.

Com relação aos procedimentos, as observações foram realizadas no período de fevereiro a novembro de 2018, nas turmas do 1º ao 3º ano, nos dois turnos manhã e tarde.

No início resolvemos apenas observar a dinâmica de sala de aula desde a entrada dos alunos até a hora do intervalo. Em outro momento ou em outra sala iniciamos a observação após o intervalo até o término da aula.

Porém a mesma sala foi realizada a observação antes e após o intervalo, já que os professores relatam que a dinâmica de sala de aula apresenta diferença entre os dois horários. E pode-se confirmar com as observações essa realidade relatada pelos professores.

Toda observação foi complementada com registro do que se considerou importante para a pesquisa. Percebeu-se que os professores investigados seguem uma rotina, onde os mesmos iniciam a aula com uma acolhida através de oração ou música.

O universo da pesquisa foi representada por um núcleo gestor, professores, pais e alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, compreendendo assim 08 componentes do núcleo gestor, 12 professores, 30 alunos e 30 pais. Totalizando 80 membros.

A amostra foi representada por 50% dos membros do universo, onde o número foi equivalente a 40 membros. Número suficiente para que essa pesquisa fosse bem representada.

### **Análise dos dados**

A análise dos conteúdos é uma das partes mais importantes da pesquisa. Por meio dela é que foram transcritos os resultados de todas as evidências coletadas na investigação e observação dos sujeitos no ambiente da pesquisa. Pois é a partir da análise dos conteúdos que é possível encontrar as respostas procuradas para as questões formuladas para a investigação na pesquisa. Segundo Bardin (1977, p. 38, apud HENGEMÜHLE, 2010, p. 66), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não).

Para Best (1972, p. 152), "representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação". A importância dos dados está não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas às investigações.

### **Passo a passo da organização dos dados para iniciar a análise**

Primeiro organizamos o material a ser pesquisado e estudado. Logo após fomos verificar e organizar o material da coleta. Fase mais demorada da pesquisa porque é a partir desse momento que coletamos as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. É nesse momento que o diálogo se fez necessário para respondermos as inquietações que até então estavam nos instigando. Lembrando que, a análise dos conteúdos não foi uma conclusão do trabalho. Porque percebemos que a partir da análise podemos analisar as

respostas que obtivemos ainda não foram suficientes para “engrossar” nossa base teórica, nem tão pouco para responder completamente o problema pelo qual direcionamos a pesquisa.

Dessa forma consideramos necessário que mais teoria e mais práticas devem ser cruciais para que a finalidade dessa pesquisa de fomentar informações necessárias e elaborar estratégias de superação dessas dificuldades dos alunos possam ser efetivadas.

Apoiado em Gil (2002, apud HENGEMÜHLE, 2010), formatamos a análise dos dados em três grandes blocos:

a) Redução dos dados: consiste em processo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações realizadas em campo. Para melhor organizar previamente os dados, os mesmos foram classificados por séries e escolas: 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental nas 03 escolas selecionadas para essa pesquisa.

b) Categorização dos dados: consistiu na organização dos dados de forma que o pesquisador tomasse decisões e tirasse conclusões a partir delas. Conforme já refletido acima, para Moraes (2006) a categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias.

c) Interpretação dos dados: mesmo que a pesquisa tenha sido de cunho descritivo, fez necessário que o pesquisador ultrapasse a mera descrição, buscando acrescentar algo ao questionamento existente sobre o assunto. Os problemas abordados nesta pesquisa, a partir dos fundamentos teóricos apropriados pelos investigados e das suas práticas, que desse capacidade de forma interpretativa, analisássemos e apontássemos novos fundamentos para a qualificação das práticas pedagógicas.

### **Categorias e Subcategorias**

Para que ocorresse uma maior qualidade na interpretação e análise da pesquisa, organizamos preferencialmente dados em categorias.

De acordo com Lincoln e Guba (1985, apud HENGEMÜHLE, 2010), as categorias são conjuntos de elementos semelhantes, com base, geralmente em seu conhecimento tácito, o que resulta nas categorias emergentes. Cada categoria poderá ser, de acordo com as necessidades e para possibilitar melhor compreensão, ser dividida em subcategorias.

Segundo argumentam Lincoln e Guba (1985, apud HENGEMÜHLE, 2010): a) O foco e o design do estudo não podem ser definidos a priori, pois, a realidade é múltipla, socialmente construída em uma dada situação e, portanto, não se pode apreender seu significado se, de modo arbitrário e precoce, a aprisionarmos em dimensões e categorias. (O foco e o design devem, então, emergir, por um processo de indução, do conhecimento do contexto e das múltiplas realidades construídas pelos participantes em suas influências recíprocas; b) dada a natureza ideográfica não repetível) e holística (que exige a visão da totalidade) dos fenômenos sociais, nenhuma teoria selecionada a priori é capaz de dar conta dessa realidade em sua

especificidade e globalidade; c) a focalização prematura do problema e a adoção de um quadro teórico a priori turvam a visão do pesquisador, levando-o a desconsiderar aspectos importantes que não se encaixam na teoria e a fazer interpretações distorcidas dos fenômenos estudados.

Traçamos metas para nossa pesquisa baseada em categorias e subcategorias com assuntos pertinentes ao tema e que nos desse subsídio para desenvolver esse trabalho com informações reais do contexto dos sujeitos da pesquisa, no campo onde estão inseridos, incluindo todos que direto ou indiretamente estão envolvidos. Propondo dessa forma, situações dentro de sala de aula, do intervalo com os coleguinhas, das aulas de reforço, como também do ambiente familiar que também pode ser imprescindível no desenvolvimento das crianças.

Assim, dividimos em três assuntos todos ligados um ao outro. Como segue abaixo:

**Tabela 1 - Categorias e subcategorias da pesquisa**

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Aprendizagem significativa	Apresentação das dificuldades encontradas pelos alunos
Estratégias utilizadas pelos professores na superação das dificuldades	Atividades desenvolvidas em sala de aula
Relação familiar	Descrição sucinta das famílias do grupo investigado

FONTE: Produzida pela autora.

### **Roteiro de Observação nas Escolas**

1 - Organização de sala de aula; 2 - Segurança e didática do professor; 3 - Mediação e intervenções realizadas pelo professor; 4 - Presença e uso de materiais pedagógicos em sala de aula; 5 - Participação e aceitação dos alunos em relação as aulas; 6 - As relações interpessoais; 7 - Disciplina dos alunos; 8 - Dificuldades apresentadas; 9 - Resolução de atividades; 10 - Estratégias desenvolvidas; 11 - Apoio pedagógico; 12 - Uso da biblioteca; 13 - Planejamento semanal do professor.

### **Análise e Discussão dos Resultados**

#### **Caracterização da Escola**

O Colégio Luís Cândido de Oliveira fica localizado na sede do município de Ocara no Estado do Ceará. Possui 17 salas de aulas, uma sala da direção, uma sala de vídeo, um laboratório, secretaria escolar, sala de professores, um pátio, uma cantina e 03 banheiros, um feminino e um masculino e um para a educação infantil. Tem também uma quadra, que se realiza aulas de Educação Física e outros eventos de atividades desportivas.

É composta por 54 funcionários. O núcleo gestor possui um diretor e três coordenadores pedagógicos que se dividem entre si para acompanhar o fundamental I, dois secretários escolares, 12 ASG, 18 professores distribuídos entre os três turnos. Atende um quantitativo de 675 alunos, onde os mesmos são atendidos em dois turnos. O atendimento vai desde o 1º ano até o 9º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que a escola atende turmas de EJA, nos turnos vespertinos, isso porque sempre estar preocupada com aquela clientela que não conseguiu concluir seus estudos em tempo hábil.

### **Caracterização das Turmas**

As turmas que serão objetos dessa pesquisa são as turmas do 1º ano A, 2º ano B, 3º A e B. As mesmas são compostas por aproximadamente 20 alunos. A primeira tem 22 alunos e dessa turma foi possível manter uma maior aproximação com 05 deles e realizar o questionário. Do 2º ano também desenvolvemos o questionário com 05, enquanto as turmas de 3º ano realizamos o questionário com 10 alunos em cada turma. Porém a observação em sala não estava direcionada apenas a esses alunos, mas a turma como um todo. A faixa etária desses alunos vai de 06 aos 09 anos de idade. Nessas turmas observadas não encontramos nenhum aluno fora de faixa.

Os alunos apresentam um nível satisfatório pelo esperado pela escola. As notas não são boas e o nível de aprendizagem está de acordo com o exigido a série que estão. Salvo um que apresenta necessidade atendimento especial e uns 03 que apresenta um progresso mais lento.

Vale ressaltar, que dessa turma temos cinco alunos que apresentam um bom desenvolvimento em todas as atividades realizadas, e que durante o momento da resolução de atividades eles se dispõem ajudar aqueles que apresentam dificuldades de compreensão, como também no momento da explicação do conteúdo sempre perguntam e tiram suas dúvidas.

### **Perfil do Professor**

Os professores das turmas observadas têm um bom perfil pedagógico e experiência com alfabetização.

A professora do 1º ano já ensina por muito tempo turmas de 1º ano, tem aproximadamente 37 anos de idade e 15 de magistério. É formada em Pedagogia e biologia e especialista no curso de alfabetização e letramento. Apresenta um bom relacionamento com seus alunos. Eles a chamam de tia, a abraçam e beijam. Enfim demonstram muito carinho pela mesma.

Os professores também são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, nesse sentido, têm uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes, com os quais se identificou, da mesma forma que daqueles com os quais buscou ser completamente diferente. (OUTEIRAL, 1994, p. 72).

Professora de turma de 1º ano desde o início de sua carreira há 03 anos, antes professora de letramento no Programa Mais Educação em Aracoíaba. Apresenta boa motivação para o ato de lecionar. E observa que suas limitações no trabalho docente são semelhantes às dos colegas, embora, acredite sempre no sucesso de seus alunos.

Segundo a professora, as crianças têm apresentado um desenvolvimento satisfatório em relação a aprendizagem. Trabalha sempre com o lúdico, facilitando a aquisição da aprendizagem como também e principalmente pelo envolvimento e participação dos alunos nas atividades propostas. Ao relacionar aspectos do trabalho pedagógico com criatividade surgiu a questão: "como tornar as minhas aulas mais atrativas para mim e para meus alunos?" Foi aí que pensou que seria interessante reconhecer que as orientações recebidas em sua formação continuada unidas a sua criatividade seria o fim das barreiras e das possibilidades encontradas no trabalho docente.

A professora diz ser apaixonada pelo seu trabalho, porém reconhece que não são valorizadas financeiramente. Entretanto, isso de modo algum atrapalha seu desempenho em sala de aula.

Estamos passando por diferentes crises que não são só financeiras, como também crise cultural, crise política e principalmente crise intelectual. Tudo isso influencia diretamente no desenvolvimento do ser humano. E essas crises afetam principalmente a classe trabalhadora, que é aquela que mais fica a mercê das políticas públicas do país. Sentimos na pele a realidade das famílias pelas condições que chegam nossos alunos em sala de aula. Não respeitam professor, brigam muito com os coleguinhas, criam apelidos pejorativos para seus colegas de sala, fazem *bullying* uns com os outros, enfim, é um grande desafio para nós professores vivenciar tudo isso com o dever de alfabetizar e letrar todos eles oportunizando a todos um futuro promissor. Nosso núcleo gestor tem tentado dar apoio a todos nós com o intuito de produzir mais aprendizagens. Porém, não é tão fácil, mas a fé jamais enfraquece. Temos que nos unir para que nossas crianças tenham um mundo mais justo. (REGIS, Profª do 1º ano).

É certo também que a maioria dos profissionais da educação concebem que o maior desafio da educação está na conquista de recursos que fujam da educação tradicional, ainda tão presente em algumas práticas. Devemos sim, utilizar outros instrumentos que facilitem o processo ensino aprendizagem, como por exemplo, livros paradidáticos, músicas, filmes, dinâmicas e muitos outros. Utilizar o lúdico é sem dúvida portas abertas para a facilitação do aprendizado é sem dúvida a chave para uma educação do futuro que efetive a formação de cidadãos conscientes.

### **Desenvolvimento das aulas e conteúdos trabalhados**

Como já foi citado acima todos os professores da escola seguem uma rotina que é orientada pelos técnicos da Secretaria da Educação, onde é discutido sua aplicabilidade mensalmente nas formações com professores, coordenadores pedagógicos e formadores municipais.



Essa rotina é caracterizada com foco no letramento e aprendizagens matemáticas, onde as aulas seguem basicamente uma sequência pelo qual o Programa MAISPAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) propõe.

Vale ressaltar que a rotina é embasada pelo material estruturado, dos alunos, também ofertado pelo governo do Estado. Na fala dos professores é importante o trabalho com esse material, porém muitas vezes é necessária a realização de pesquisa por outros materiais para auxiliar no trabalho pedagógico.

Além do material estruturado também é ofertado na escola o livro do PNLD, um caderno de Práticas Pedagógicas e também uma coleção de 1º e 2º anos da Editora IMEPH, que foi comprado pelo município como forma de auxiliar e enriquecer o trabalho do professor. Já nas turmas de 3º anos eles utilizam os três primeiros materiais que é utilizado também pelo 1º e 2º anos.

O material estruturante é composto por 04 cadernos, sendo dois de Língua Portuguesa e dois de Matemática. Prevalecendo dois volumes, onde o volume I equivale ao 1º e 2º bimestre e o volume II equivale ao 3º e 4º bimestre.

O material do PNLD é utilizado todos os dias de forma diversificada, onde ora se utiliza em sala de aula, ora utiliza com atividades para casa.

O Caderno de Práticas Pedagógicas é ofertado também em 4 volumes, sendo cada um volume possível trabalhar cada bimestres. Esses cadernos de Práticas são elaborados pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC e entregue aos formadores municipais nas formações bimestrais que acontecem sempre na sede da CREDE, pelo qual o município faz parte.

O formador que recebe o material e a formação oferecida pela SEDUC, planeja e repassa a formação para os professores do município, entregando esse material, proporcionando para todos as estratégias do trabalho com as crianças de forma contextualizada e respeitando seus limites, mas trabalhando as habilidades necessárias a cada ano de ensino.

Nas turmas de 1º e 2º anos que ainda possuem a coleção da Editora IMEPH, que é mais um material a disposição do professor, passa a ser mais utilizado pelo professor de outras disciplinas que não sejam de linguagens e matemática. Esse material é riquíssimo, porque dar auxílio ao professor que muitas vezes se encontra um pouco fora do contexto do letramento. E os dois professores que trabalham precisam estar em conexão para que os resultados sejam coerentes as expectativas.

Material disponibilizado para as turmas de 1º, 2º e 3º anos, serão logo abaixo apresentados de forma sucinta, para melhor compreensão do que os alunos recebem e do que utilizam para avançar em suas aprendizagens.

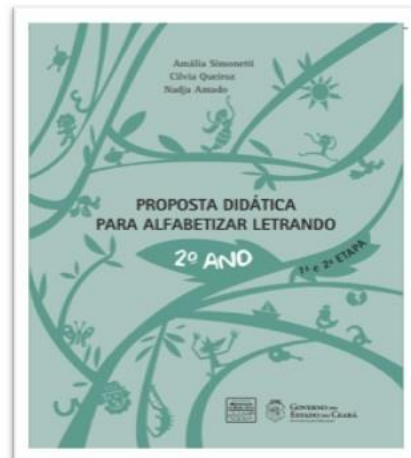
Segue abaixo alguns o material disponível para o aluno e para o professor.

Figura 1 - Caderno de Práticas Pedagógicas- 1º ano



FONTE: arquivo da pesquisadora

Figura 2 - Material estruturado volume I - 2º ano



FONTE: arquivo da pesquisadora

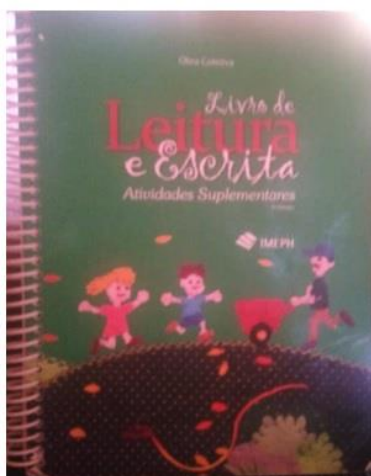
O material da figura 1, foi elaborado e confeccionado pela SEDUC, onde é trazido para os municípios através das formações por pessoa capacitadas pela própria SEDUC. As formações duram em torno de dois e três dias. Um caderno riquíssimo com atividades lúdicas e diferenciadas, relacionadas diretamente ao avanço das habilidades dos alunos.

Ele está disponível desde o 1º ano até o 9º ano e tem sido bem avaliado pelos professores e também pelos alunos. A maior dificuldade desse material é que não é possível a impressão para todos os discentes e fica apenas com a apostila do professor. Porém, os professores recebem orientações para o trabalho com a apostila sem a necessidade da impressão. E até então tem sido produtivo.

Um outro recurso que está disponível para os alunos do 1º ao 5º ano é o material estruturado, que contém atividades para o ano todo dividida em duas etapas.

O material da figura 2 também é doado pelo governo do estado para todos os alunos do 1º ao 5º ano dos municípios. É um material utilizado diariamente acompanhando uma rotina propostas nas formações dos professores. Ele é composto por diversas atividades que mantem uma rotina diária propondo autonomia do aluno na resolução das atividades. Mas sempre direcionada pelo professor, além das intervenções que são realizadas quando necessário.

Figura 3 - Livro de escrita da IMEPH 2º ANO



FONTE: arquivo da pesquisadora

Figura 4 - Livro dos gêneros textuais - 2º ANO



FONTE: arquivo da pesquisadora

O material da Figura 3 foi comprado pela Secretaria da Educação do município com a finalidade de oportunizar ao professor e aluno maiores possibilidades de aprendizagens. Ele é composto por atividades que são consideradas atrativas e facilitadoras. Como já foi falado anteriormente, os professores também recebem bimestralmente formações pela editora com o objetivo de orientar e planejar junto ao professor melhores estratégias do trabalho com o material.

Acompanhando o material apresentado acima da editora IMEPH, tem também um caderno de gêneros, que tem sido apreciado pelos professores e alunos.

O material da Figura 4 é mais um material disponibilizado pela secretaria da educação do município. Material muito importante na construção do letramento das crianças. Possibilita ao corpo discente informações e conhecimentos a favor dos inúmeros gêneros disponíveis ao nosso redor. E ao corpo docente é um grande suporte para trabalhar os diversos gêneros existentes de forma mais cômoda, já que o mesmo traz uma diversidade necessária para a rotina de linguagens.

A agenda também é um dos recursos que os professores utilizam como atividade permanente. Nesse caso aluno cópia na agenda as atividades que serão realizadas em casa.

Figura 5 - Agenda escolar



FONTE: arquivo da pesquisadora

FOTOGRAFIA 1 - Roda de conversa - 1º ano



FONTE: arquivo da professora

Relativamente a figura 5, todos os professores têm uma rotina a seguir e a mesma serve para que o mesmo tenha uma melhor organização do seu trabalho pedagógico.

É importante descrever que desde a educação infantil até o 9º ano, os professores trabalham com uma rotina de trabalho que os orienta até o final do ano. Os alunos também já se sentem confortáveis e afinados com essas rotinas. A rotina das turmas de 1º e 2º ano é composta pelos seguintes passos: a) Acolhida; b) Atividades permanentes; c) Tempo para gostar de ler; d) Leitura e oralidade; e) Lendo e compreendendo; f) Apropriação da escrita; g) Escrevendo do seu jeito.

Essa rotina faz com que os alunos estejam sempre envolvidos com atividades de leitura e escrita. Onde é possível perceber que com essas atividades diárias é possível a interação dos mesmos com a mediação frequente do professor. E dessa forma a indisciplina é quase inexistente.

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, mas mudou suas características ao longo das últimas décadas, mostrando diferenças daquela observada no passado. Atualmente “a indisciplina escolar apresenta expressões diferentes, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar. (REGO, 1996, p. 39).

Dessa forma percebemos que a maioria dos alunos está envolvida com as atividades propostas e as aulas não apresentam espaço ociosidade, conseqüentemente. Não obstante, quero descrever que o conteúdo trabalhado naquele momento era de fato interessante, porque estava sendo abordado por meio de aula desenvolvida com leituras, algumas vezes pelos alunos, outras pela professora.

Num dia que fomos a escola para observar a aula a professora estava desenvolvendo o momento da rotina sobre tempo para gostar de ler. Onde todos estavam em círculo, no momento a professora conversa sobre a importância desse momento, onde os mesmos poderão fazer desse momento um momento de prazer. Logo após

a conversa no círculo (Fotografia 1), os mesmos foram pegar um livro paradidático de suas preferências para fazer uma boa leitura.

No círculo alguns participam da conversa e outras ficam só ouvindo, mas a professora fala que de uma forma geral eles sempre interagem nesses momentos e respeitam muito o tempo do outro.

A roda de conversa é realizada nas atividades permanentes da rotina. E como já foi falado anteriormente, após o círculo eles vão até a mesa e pegam um livro paradidático. A professora fala que a maioria já lê os livros sem problemas. Dois leem com dificuldades e apenas um, que chegou agora no último bimestre de outro município lia somente as imagens, mas já está conseguindo lê algumas sílabas.

Eles apresentam satisfação nessa atividade de leitura, a professora relata que esse momento faz parte da rotina e que eles já conhecem e obedecem a todos os comandos dados por ela:

Eles gostam muito da roda de conversa e do momento de leitura, eles sempre escolhem o livro, e a cada dia pegam um que ainda não tenha lido, mas quando gostam de um, querem repetir mais de uma vez. O gosto pela leitura só tem crescido, principalmente após aprenderem a lê. Ficam felizes porque já conseguem lê sozinhos, mas sempre pedem pra que eu fique por perto para ouvi-los. No primeiro momento os deixo lerem, mas as vezes utilizo esse momento para acompanhamento individual, ouvindo e percebendo quais dificuldades ainda precisa ser superada, para que em outro momento possa trabalhar de forma lúdica essas dificuldades para que avancem de forma prazerosa. (professora do 1º ano).

Após a roda de conversa eles se dirigem a mesa com os livros que a professora já havia organizado e escolhem o de sua preferência ou o que ainda não leu. Ela fala;

Coloco todos os dias roda de conversa na rotina deles porque eu percebo que é uma estratégia muito boa para o desenvolvimento deles. Eles sempre participam e também é um momento que eles aprendem a ouvir de forma respeitosa, no início foi um pouco difícil porque eles chegam da educação infantil muito inquieto e não respeitam algumas regras construídas por eles mesmos. Mas com um tempo conseguimos que eles se acostumassem, interagissem e ouvissem seus amiguinhos. (professora do 1º ano).

E a organização dos livros ela já faz antes da ida ao círculo. Quando termina a roda da conversa que dura entre 15 a 20 minutos, eles se dirigem a mesa dos livros ou pegam no centro da roda de conversa quando a professora as vezes coloca.

Com base na mesinha composta por livros paradidáticos (Fotografia 2), a professora também relata sobre a necessidade de conseguir mais livros porque os mesmos já estão ficando sem atração pelos alunos. Porque todos os dias existem a roda de leitura e contação de histórias baseadas nesses livros que compõem o acervo da escola.

Era muito bom que a Secretaria da Educação comprasse e mandasse livros novos para as escolas. Livros novos, não no sentido de nunca ter sido usado, mas novos em relação ao acervo de novidade para as crianças. Alguns alunos que lêem muito, já esgotaram todo o acervo da escola. Digo isso, com os livros infantis, de acordo com suas idade e preferência. Todo ano chega uma caixa de livro do Governo estadual

pelo programa MAISPAIC, mas alguns dentro de um mês e outros de um bimestre conseguem lê todos. (profª do 2º ano).

Na verdade, os livros que recebem segundo a professora ainda não dar pra suprir as necessidades leitoras das crianças.

FOTOGRAFIA 2 - Roda de conversa - 1º ano



FONTE: arquivo da professora

FOTOGRAFIA 3 - Calendário mensal



FONTE: Arquivo da professora

O calendário da Fotografia 3, que é utilizado diariamente e que faz parte de uma das atividades de rotina das turmas de séries iniciais do ensino fundamental. Porém a professora utiliza de forma dinâmica atraindo seus alunos no desenvolvimento da mesma e aprendendo com prazer.

### Fatores Considerados Entraves na Aprendizagem

De acordo com os relatos de professores várias são as dificuldades pedagógicas apresentadas pelas crianças dentro do ambiente escolar. Dificuldades essas que inviabiliza a promoção do conhecimento por parte dessas crianças:

- Indisciplina;
- Falta de atenção;
- Falta de estímulos em casa;
- Desorganização do material escolar;
- Alunos sem conhecer as letras do alfabeto;
- Sem saber fazer o próprio nome;
- Sem espaçamento nas palavras escritas;
- Troca ou omissão de letras, sílabas ou palavras;
- Soletração confusa;
- Dificuldade de compreensão;
- Leitura sem respeitar a pontuação;
- Sequência numérica;
- Alunos ainda escrevendo garatujas;
- Alunos pré-silábicos;
- Falta de apoio dos pais;
- Salas quentes;
- Opção de mais livros paradidáticos. (Professoras do 1º, 2º e 3º anos)



E de todos esses fatores colocados pelos professores que inviabilizam a aprendizagem de seus alunos, percebemos que o mais referido é a indisciplina e a falta de apoio dos pais. Um deles coloca que:

Todas as turmas que pegamos no início do ano, encontramos dificuldades, que vão desde a indisciplina até mesmo o nível de aprendizagem que está aquém do ano de estudo. É um dos maiores desafios. Porém, quando o aluno apresenta dificuldade de aprendizagem mais tem uma boa disciplina é mais fácil ajuda-lo a avançar. Mas quando é o contrário ai se torna difícil. (Professor do 3º ano).

### **Aprendizagem Significativa: Apresentação das Dificuldades Encontradas pelos Alunos**

Na realização da observação e da entrevista podemos constatar que todos os envolvidos sentiam-se a vontade em conversar sobre o assunto dirigido. Na verdade, nos proporcionou mais informação do que nossas expectativas.

Quando perguntávamos a mãe sobre as dificuldades dos filhos percebemos que as mesmas sentem confiança na escola que seu filho estar inserido e ainda permanece a gratidão e admiração no trabalho do professor. Na verdade, esse é um ponto positivo para a escola, já que vivemos um momento de crise de valores, onde o mesmo passa a ser distorcido pela família e sociedade. Uma das mães relata que seu filho,

Aprendeu rápido porque ele é muito obediente. E o professor dele também incentiva muito, sempre corrige as atividades de casa ou de sala. E quando alguns erram ou não fazem a atividade ele faz uma revisão para que eles aprendam. Isso é muito bom. Pois quando meu filho chega em casa ele quer logo fazer as atividades que o professor passa. Ele sempre chega em casa dizendo que ganhou estrelinhas pelo bom comportamento e por ter feito todas as atividades de sala. Ele fala que alguns amigos dele conversam muito e não conseguem aprender, mas ele ajuda a eles a resolver as atividades. (mãe de aluno do 3º ano).

E na fala dessa mãe supracitada, percebemos que ela considera importante a intervenção que o professor faz em sala de aula com as crianças. Isso é importante e como diz Luna (2013):

[...] o educador precisa compreender e analisar os erros de seus alunos e enxergá-los como um auxílio à sua prática docente, no processo de alfabetização, visto que os “erros construtivos” podem servir de ponto de partida para identificar os saberes já existentes, de seus alunos, assim como os que ainda precisam ser internalizados. (LUNA, 2013, p. 32).

Outra mãezinha ressalta que seu filho estar aprendendo a ler este ano. Porém, também dar todos os créditos ao professor da sala: “ele está aprendendo agora. Sempre teve muita dificuldade de aprender e eu não ajudo porque trabalho fora, mas vou arranjar um tempinho pra ajudar nas atividades de casa e também na leitura dele” (mãe de aluno do 3º ano).

A mãe de outro também relata que seu filho ainda não consolidou a alfabetização mesmo cursando o 3º ano. Porém, coloca a culpa na “preguiça” do filho:

Esse ano ele tá até melhor. Mas todos os anos ele dar muito trabalho pra ir pra escola. Sempre tem uma desculpa, que ta doente, tá com dores de cabeça e outras mais, só pra não ir pra aula. Mas eu acho também que é viciado na televisão, vou dar um castigo pra ver se ele dorme mais cedo e não fica *com preguiça de ir pra escola*. (mãe de aluno do 3º ano).

O problema da não aprendizagem ainda vem se estendendo a cada ano, apesar de várias conquistas já terem sido conquistadas. Segundo Barbosa (2009), é preciso compreender que:

Embora seja papel social da escola formar leitores e escritores autônomos, a instituição ainda não desenvolve essa tarefa com plenitude. Prova disso é o índice de alfabetismo rudimentar e básico, que permanece alto no Brasil e na América Latina há tempos. Apenas a minoria da população é plenamente alfabetizada - isto é, consegue ler e compreender textos complexos e expressar o que pensa de forma escrita. (BARBOSA, 2009, p. 250).

Em algumas situações encontramos também problema familiar intervindo diretamente no processo de aprendizagem da criança. Como é o caso de uma mãezinha que comenta sobre sua separação e como isso afetou o emocional de sua filha.

Eu me separei do pai dela e ela sente muita falta dele. Já faz quatro meses que ele não manda notícias. Ela sente muito por isso, é muito sentida, a outra não nem liga a falta dele. Mas ela por qualquer coisa chora, e por isso eu não exijo muito dela pra que ela não sofra tanto. Mas vou procurar ajudar mais. (mãe de aluno do 3º ano).

Diante da citação das mães, percebemos que a estrutura familiar é um fator preponderante no desenvolvimento de seus filhos. Lane (1985) concebe que:

A sociabilidade da criança é o ponto de partida das interações sociais com o meio que o rodeia. Os problemas de interesse da psicologia da interação social são atualmente bastante conhecidos e, por esse motivo, nos limitaremos aqui a mencionar brevemente algumas particularidades da concepção de Vygotsky. Por origem e por natureza o ser humano não pode existir nem experimentar o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma ilha isolada, tem necessariamente seu prolongamento nos demais; de modo isolado não é um ser completo. (LANE, 1985, p.43).

Algumas mães reconhecem a dificuldade que os filhos apresentam, porém, acreditam no trabalho realizado pela escola e mantem respeito e confiança pela primeira professora do fundamental. Na verdade, todas as mães elogiaram a professora do 1º ano, dando-lhe o seu devido valor como alfabetizadora de seus filhos. Acreditam e confiam também nas outras das séries posteriores, mas demonstram satisfação pelo trabalho realizado pela do 1º ano. Uma delas considerou o seu início no fundamental: “Quando ele iniciou o 1º ano ele



tinha muita dificuldade, mas foi muito rápido o desenvolvimento dele. Também a professora dele do 1º ano é muito boa e tem moral com os meninos. Eles aprendem mesmo”. (mãe de aluno do 1º ano).

Outra também com o filho no 2º ano considera importante o trabalho da professora:

Eu acreditava que minha filha ia dar trabalho pra aprender, mas graças a Deus aprendeu rápido. Porque mesmo ela conversando muito ela obedece a professora. Sem contar que a professora do 1º ano dela é excelente. Isso com certeza me deram mais confiança. (mãe de aluno do 2º ano).

Percebemos dessa forma, que o professor é considerado pelas mães porque faz um trabalho consistente com seus alunos, conseguindo superar os desafios apresentados pelas crianças e efetivando a aprendizagem significativa, mesmo diante das diversidades. Assim, como defende Iliovitz (2008, p. 5), ao dizer: “Cada professor, na sua prática docente reflexiva, tem permanentes desafios que o instigam a avaliar e repensar sua atuação de acordo com a heterogeneidade dos alunos e da diversidade de circunstâncias.”

Encontramos também alunos no 3º ano ainda com muita dificuldade na aprendizagem. Alguns não conseguiram nem o esperado para a turma do 1º como, ler e escrever. Na verdade, encontramos alguns que ainda não conseguem nem fazer seu nome completo. Esses alunos que não são poucos causam preocupação por parte da escola e principalmente do professor que leciona na turma. As mães quase por unanimidade colocam a “culpa” nas próprias crianças, argumentando sobre a falta de atenção e indisciplina.

Essa mãe, por exemplo, considera a dificuldade de seu filho ao fato de ser preguiçoso. E o mais curioso é que ela já considera como sendo impossível conseguir alguma coisa com seu filho.

Ele tem muita dificuldade pra aprender. Os amiguinhos dele da sala todos já sabem ler e escrever e meu filho ainda não aprendeu. Acho que é porque ele é muito teimoso e preguiçoso. Em casa é do mesmo jeito, já fiz de tudo pra que ele mude, bater nem bato porque não tem jeito mesmo. Mas digo que já fiz de tudo pra que ele tenha mais disposição. As vezes eu tiro até a televisão dele pra ele não assistir os programas que ele gosta, mas não consigo nada com isso, ele fica é mais desobediente. Só quer fazer o que quer. (mãe de aluno do 3º ano).

Alguns casos também partem do pressuposto que a atenção da criança pode atrapalhar como também a ajuda dos pais em casa pode ser um bom recurso para o desenvolvimento de seus filhos.

Eu sempre procuro ajudar ele a fazer as atividades, mas ele é um pouco disperso e fica difícil de aprender. A maioria dos amiguinhos da sala dele já sabe ler. Ele tá “desarrando” agora, acho que esse ano ele aprende também ele ainda é muito pequeno. No meu tempo a gente na série que ele tá, já era tudo grande. (mãe de aluno do 2º ano).

Como é também o caso, da família que perde a paciência no momento que ajuda seu filho nas atividades de casa:

Meu filho ainda não aprendeu nem o alfabeto é muito disperso, tento ensinar em casa e acho muito difícil porque ele não presta atenção ai fico sem paciência e acabo

deixando de lado. Acho que é por isso que o bichinho não aprende porque não tem atenção, nem eu tenho paciência. Deve ser do mesmo jeito na escola. (mãe de aluno do 1º ano).

Percebemos que a família pode e deve ser o porto seguro dos filhos, principalmente no ato da leitura. Segundo Amorim (2008):

O gosto pela leitura é um hábito que se consolida a partir da prática cotidiana, devendo, portanto, ser estimulado desde a infância, até tornar-se uma necessidade. Muitos afirmam que os pais são os principais responsáveis pelo incentivo à leitura e que um bom leitor se faz, fundamentalmente, em casa. (p.11).

Percebemos que a aprendizagem dos filhos é um fator preocupante por parte dos pais. Mas, a maioria não consegue acompanhar de forma efetiva ou porque trabalha e não encontra tempo, ou porque não tem paciência de dar o estímulo que o filho precisa ou mesmo porque não sabe como fazer para ajuda-los de forma significativa.

Muitas vezes também o carinho dado ao filho ou a autoridade passa a ser um fator que pode ou não ajudar. Onde alguns tem “pena” de exagerar nas atividades outros castiga com atividades. Dessa forma, um ou outro pode interferir de forma negativa no desenvolvimento cognitivo das crianças. Alguns pais também acolhem seus filhos cuidadosamente, respeitando suas dificuldades e ajudando quando necessário.

Porém, sabemos que essa última, não é uma opção constante já que a maioria dos pais sentem-se inseguros em relação a educação de seus filhos. Alguns por exemplo citam que não tem mais o que fazer em relação ao desinteresse e descaso da criança com a escola. Esse é talvez um dos maiores problemas que se encontra entre família e escola. A família não consegue estimular o aluno e a família também não encontra estrutura psicológica para ser contribuinte desse momento na vida do filho.

Nessa perspectiva podemos considerar que é necessário repensar alguns modelos impostos que servem exclusivamente para excluir alguns alunos que não se encaixam em determinados conceitos ditos “normais”. E como ressalta Barbosa (2006):

O sistema dominante é presidido por uma lógica que limita as práticas pedagógicas inovadoras. O modelo que vigora é, em si mesmo, antisolidário e aliena do social, pois, ‘tem medo’ da criatividade, da rebeldia e da participação. Não interessa a este, uma escola geradora de conhecimento, capaz de formar pessoas com as habilidades de pensar criticamente, questionar e intervir na realidade. (p. 263).

A criatividade e a inovação nos espaços escolares são urgentes e necessárias para melhor atender seus alunos com interesses diversos.

A maioria dos alunos mesmo apresentando dificuldades consideram as atividades desenvolvidas fáceis de realizar. Isso se deve ao modo como eles realizam.

Nas observações podemos perceber que cerca de 50% dos professores observados corrigem a atividade no quadro sem antes ter observado a atividade individualmente de cada aluno. Isso se deve, ao número de alunos que eles mantêm em sala de aula, que não são poucos e até mesmos das dificuldades apresentadas por alguns, onde o professor atende individualmente a alguns deixando outros sem atendimentos. Como ressalta

Smith (2001): “É óbvio que salas de aulas abarrotadas, professores sobrecarregados ou pouco treinados e suprimentos inadequados de bons materiais didáticos comprometem a capacidade dos alunos para aprender.” (p. 33).

É difícil dar um parecer em relação a esse caso porque a teoria do trabalho de sala de aula é muito difícil em relação a prática. Então não podemos dar uma receita para resolver alguns problemas de sala de aula. Enfim, na fala dos alunos as atividades são fáceis e eles não encontram dificuldades em realiza-las. Um desses alunos ressalta que as atividades são fáceis:

O que o professor ensina é muito fácil e eu não sinto dificuldade de aprender não. Já sei ler e até ajudo os outros meninos da sala a fazer as atividades que eles não conseguem fazer sozinhos porque ainda não aprenderam a ler. E eles não aprenderam porque ficam conversando o tempo todo (3º ano).

Outro justifica quando não aprende é porque o professor estar ocupado atendendo outros. Isso mostra de certa forma insegurança em realizar a atividade com autonomia: “Eu aprendo tudo que o professor ensina. Só não aprendo quando o professor está ensinando os outros meninos, aí eu fico com dúvidas e fico sem completar minha atividade”. (3º ano).

Como também alguns relatam sobre a indisciplina de seus amigos, como sendo um fator que atrapalha seu aprendizado: “Os meus amigos fazem muito barulho e eu às vezes não consigo entender nada que o tio fala”. (3º ano).

Jáessa, aluna também é bem desenvolta para conversar e fala:

Meus amigos não aprendem porque não prestam atenção a tia fica conversando. A minha amiga conversa com quem está do lado dela na frente e atrás dela. Eu já sei por que não me distraio muito só converso quando termino as atividades. E no momento da leitura a Andriele fica mostrando as figuras e não presta atenção a leitura e fica conversando e não deixa a gente ler. Eu acho que ela conversa porque a mãe dela não diz nada com ela, nem a tia conhece a mãe dela. Minha mãe já conversa comigo e diz que eu tenho que obedecer e que eu não posso teimar nem conversar. Às vezes, eu me distraio porque algumas amigas ficam conversando comigo. (2º ano).

Percebemos que as próprias crianças compreendem que a indisciplina e falta de atenção prejudica o processo da aprendizagem. E “culpa” os amiguinhos que agem de forma desobediente e desatenta no momento das atividades em sala. Porém, sabemos que mesmo apresentando indisciplina os alunos têm direito de aprender e a escola de preparar estratégias que chamem a atenção das crianças com dificuldades. Cruz (2014) cita sobre o papel da escola diante das dificuldades das crianças: “cabe à escola avaliar o aluno, compreender pedagogicamente suas dificuldades e desenvolver estratégias para favorecer seu processo de aprendizagem.” (p.2).

Existem também alguns problemas que vão além da responsabilidade da escola, como por exemplo, situações de constantes mudanças de local de moradia. Isso também prejudica a situação pedagógica da criança e é um fator relatado por uma aluna que segundo ela ainda não aprendeu a ler. “Eu não sei ler porque não morava

aqui não, estudava em outras escolas, minha avó vive viajando de um lugar para outro e estudei em outras escolas”. (aluna do 3º ano).

Apesar dos problemas supracitados sabemos que a escola tenta de muitas formas superar essas dificuldades que se apresentam no dia a dia de sala de aula. Na escola que observei existe uma professora responsável para dar reforço aos alunos com dificuldades. Porém, percebemos que a demanda é grande e ela por si só não consegue dar a atenção necessária a tantas dificuldades.

Contudo alguns alunos sentem-se acolhidos por esse reforço e outros sentem-se esperançosos, acreditando e confiando que terá avanço, pois relatam do progresso que tem sido conseguido durante o que será ofertado a eles.

Eu não sei ler, mas já estou aprendendo. A diretora disse que vou para o reforço. Tomara que a professora do reforço seja boa porque aí eu aprendo de verdade. Todas as professoras são boas, mas eu não aprendi porque eu sou burro mesmo. Mas agora com o reforço vou aprender. Já tou levando livros pra casa, mas não tem que leia pra mim, então eu leio só as figuras. (aluno do 2º ano).

Essa é uma atitude louvável da escola com a finalidade de superar as dificuldades de seus alunos. Moreira (2010) argumenta que: “A facilitação da aprendizagem significativa depende muito mais de uma nova postura docente, de uma nova diretriz escolar, do que de novas metodologias, mesmo as modernas tecnologias de informação e comunicação.” (p. 23).

Além das estratégias proporcionadas pelos professores em sala de aula também é necessário que a escola viabilize outras estratégias para auxiliar o professor a superar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Alguns alunos também relatam sobre suas habilidades. Eles reconhecem que tem dificuldades, mas falam que sabem fazer outras coisas. Consideramos isso muito interessante: “Eu não sei ler, nem escrever porque é muito difícil e eu não entendo nada. Mas eu explico para meus amigos da sala outras coisas que eles nem sabem, mesmo sabendo ler. E às vezes eu até falo sobre o texto mesmo não lendo todo”. (aluno do 1º ano).

Em relação a tudo isso citado pelo aluno, Ferreiro e Teberosky (1999) destaca: “[...] muito antes de saber ler um texto, as crianças são capazes que tratar o mesmo em função de características formais específicas” (p. 66).

Isso é na verdade uma compreensão de que eles são capazes é uma forma de dizer “eu não sou inútil”. “Eu não sei ler, mas tenho habilidades que outros não tem”.

O mais interessante é que esses alunos reconhecem quando estão indo bem, ou quando não estão desenvolvendo bem as atividades que lhe são propostas. Muitas vezes eles ajudam seus amiguinhos para que o mesmo avance e não fique pra “trás”, como muitas vezes alguns citam dessa forma. Eles se sentem grupo, diante do tempo que já estão juntos.

## **Estratégias Utilizadas Pelos Professores Na Superação Das Dificuldades: Atividades Desenvolvidas Em Sala De Aula**

Percebemos a maioria de professores angustiados procurando estratégias que facilitem a aprendizagem de seus alunos. Como também, procurando superar as dificuldades existentes em relação ao processo de desenvolvimento cognitivo dos mesmos. De acordo com os professores as dificuldades são muitas, mas o trabalho é constante. Segundo o professor do 3º ano, ele procura estratégias que facilitem a aprendizagem de seus alunos,

Eu estou sempre procurando novas estratégias para ajudar meus alunos aprenderem, sei que existem muitos desafios que estão frente a frente a minha prática, mas eu não posso jamais desistir ou achar que não vou conseguir. Tenho procurado dar o melhor pra eles porque sei que a família quando coloca a criança na escola ela acredita que será o melhor nessa vida que os pais podem dar. Eu jamais quero decepcioná-los. Quando utilizo de alguma estratégia que percebo que não funciona pra todos, busco novas para que atenda-os de modo geral. E quando não consigo atrair a todos de uma só forma uma e outra vi atendendo a todos. (profº do 3º ano).

Dessa forma, percebemos o quão é importante compreender que o processo cognitivo deve ser estimulado de várias formas, incluindo possibilidades novas do que já foi compartilhado em sala de aula. Segundo Hengemühle (2012), os modelos que já não funcionam precisam ser substituídos por novos modelos e ressalta, “portanto, os profissionais da educação do futuro precisam aprender a se desprender de modelos que já não respondem mais e efetivamente assumir novas práticas.” (p. 12).

Como argumenta Hengemühle (2012), na citação acima, é preciso que os profissionais da educação não fiquem estancados a um modelo que visivelmente não atribui nenhum progresso as crianças. É preciso e urgente mudanças na atitude pedagógica de buscar o necessário. Na visão de outra professora dos anos iniciais ele acrescenta:

Sabemos que as dificuldades são constantes, até porque as crianças estão fascinadas por muitos atrativos que estão além do que eles veem na escola. Pelo menos é isso que eles dizem. Porque na verdade eles não estão conscientes ainda, pelo fato de ser criança, que os atrativos extras escolares apenas são ilusórios e que não vão lhes possibilitar o que eles vão precisar futuramente” (prof.<sup>a</sup>, do 3º ano).

Encontramos vários professores sentindo dificuldades em trabalhar o material didático com alguns alunos e ficam apreensivos em relação aos resultados que serão obtidos.

Vale ressaltar que eles têm disponibilizado para eles e para os alunos um acervo bem rico de material didático. E esse material é muito importante na prática de sala de aula. Eles dão um auxílio grandioso na efetivação do desenvolvimento das aulas e principalmente no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, professores, tem em mão materiais disponíveis para desenvolver estratégias em sala, porém alguns professores relatam que as exigências curriculares, as vezes torna-se um empecilho para o desenvolvimento da prática pedagógica, porque ficam amarrados, e isso acaba causando segregação de alguns alunos. Para Gatti (2010),

A questão das práticas exigidas pelas diretrizes curriculares desses cursos mostra-se problemática, pois ora se coloca que estão embutidas em diversas disciplinas, sem especificação clara, ora aparecem em separado, mas com ementas muito vagas. (p. 19).

No entanto, além da problemática da efetivação em sala dos currículos, ainda encontramos outro problema que são as dificuldades de alguns professores em trabalhar com alunos que necessitam de atendimento especializado - AEE. A professora do 2º ano ressalta:

A maioria de meus alunos apresenta um bom nível de aprendizagem, mas ainda tenho grandes desafios pela frente com 30% desses alunos. Eu tenho dois alunos especiais que não frequentam diariamente, mas que comparecem alguns dias e esses são os que mais sentem dificuldade de atender. Porém, eles têm atendimento duas vezes por semana na sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado). A professora do AEE sempre me dar orientações sobre como devo proceder, mas mesmo assim me sinto acuado de trabalhar com esses alunos. Porém eles não são frequentes. Sempre faltam e fico me perguntando como seriam seus desenvolvimentos se eu fosse o único responsável pelo os mesmos. Para sanar as dificuldades estou trabalhando leitura todos os dias com eles. Dessa forma percebo que alguns já estão melhorando.

Nessa perspectiva reconhecemos que vários profissionais da educação ainda encontram dificuldades de trabalhar com crianças com necessidades especiais, mesmo esses alunos tendo acompanhamento especializado. Pois esses profissionais argumentam que necessita de formação acadêmica ou continuada para atuar com as necessidades que surgem em sala de aula, principalmente no que diz respeito as crianças que necessitam de acompanhamento especializado. Segundo Almeida (2002), “os professores não devem voltarem-se apenas aos que aprendem facilmente e têm bom ritmo. As crianças que dependem deles e cujo futuro se construirá fundamentalmente através da dedicação e competência do professor, são essas, que apresentam alguma interferência na aprendizagem” (p.52).

Percebemos, no entanto, que tanto crianças como professores precisam de apoio, as crianças dos professores em relação ao processo de desenvolvimento cognitivo e os professores de formações que os dê conhecimentos e competências para trabalhar de forma satisfatória com essas crianças.

O estudo das ementas das disciplinas revela, antes de tudo, maior preocupação com o oferecimento de teorias políticas, sociológicas e psicológicas para a contextualização dos desafios do trabalho nesse nível e nessas modalidades de ensino. Isto é importante para o trabalho consciente do professor, mas não suficiente para suas atividades de ensino. (GATTI, 2010, p.16).

Como o autor cita acima, só o currículo não é suficiente pra atender as necessidades dos alunos, nem tão pouco superar as dificuldades existentes. E é nessa perspectiva que consideramos relevante discutir também sobre a formação do professor, porém, tratar das dificuldades de aprendizagem já é bem complexo.

Para alguns professores das séries iniciais consideram que a adaptação ao estudo de forma sistemática é muito difícil no 1º ano do ensino fundamental, porque a prática da educação infantil ainda está muito pautada na socialização e ludicidade sem a relação com o letramento. Dessa forma, eles consideram uma das maiores dificuldades do trabalho pedagógico, já que as crianças demoram a se adaptar a prática do letramento.

Na verdade, nós vamos e voltamos e acabamos sempre no fator da formação do professor. Porque todas essas dificuldades construídas ao longo da caminhada do professor é necessariamente a falta de formação que pautar:

É muito difícil o trabalho no início do ano. Eles ainda estão muito focados em atividades lúdicas da educação infantil. Não que não possa realizar essas atividades, porque eu sempre estou realizando, porém alguns deles, pra falar a verdade a grande maioria, não param quietos. É preciso ficar o tempo todo chamando atenção para sentarem. E são muitos dispersos. Salvo uns três que conseguem se concentrar. Estou sempre procurando inovar, pesquiso muito pra trazer coisas diferentes pra eles, mas nunca saio da rotina de sala de aula. Porque tenho a certeza que essa rotina me faz produzir mais em consonância com os limites e o progresso deles. No início do ano sempre é difícil, mas depois eles se acostumam e obedece a rotina sem problemas. (profª do 1º ano).

Vale ressaltar que não é por trabalharem com o lúdico que prejudica o processo da aprendizagem da criança, mas sim, por trabalhar de forma que não façam relação das brincadeiras com o conhecimento. Brincar só por brincar é bom, mas faz-se necessário introduzir objetivo e aprendizagem no meio das atividades desenvolvidas. Berbel (2011) relata que,

Podemos entender que as Metodologias Ativas se baseiam em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. (p. 29).

A metodologia ativa pode sim, ser constante em nossas escolas, para com isso ser o diferencial de nossas práticas e do desenvolvimento de nossos alunos. Crianças capazes de reconhecer e analisar ações do bem comum, como também ser um protagonista dessa história. Para que todos os nossos sonhos tornem-se realidade é preciso compreender a importância do papel do professor que o mesmo seja capaz de diversificar estratégias para atender a todos com equidade. Iliovitz (2008) coloca que,

Cabe a nós, educadores no exercício da docência, atuarmos como mediadores não só no processo de alfabetização, mas também nas práticas de letramento, utilizando materiais escritos diversificados em atividades significativas para nossos alunos. (p. 8).

E essas atividades significativas são aquelas que “servem” para o aluno, que despertam o interesse e a atenção dos mesmos. Que se envolvem e se entrosam como um assunto que proporciona prazer.

Alguns professores então dão muita credibilidade ao ensino com práticas com materiais concretos ou que fiquem disponível ao aluno para ele manusear e construir criativamente suas respostas nas atividades de resolução de questões.

Eu estou substituindo a professora deles que está de licença. Mas eu percebo que eles mantem um bom desempenho, mesmo tendo uns que precisam mais de ajuda. Procuro sempre levar atividades que eles gostam. Que são de recortes de palavras, de sílabas e de letrinhas. Eles gostam e ficam competindo pra ver quem recorta mais. Porém existem 30% da turma que ainda não conseguem reconhecer a palavra em si, seus espaços e acabam por recortarem equivocadamente. Às vezes alguns ajudam e as outras vezes passa despercebidos por mim e pelos amiguinhos. Porque fico mediando pra que eles superem essa dificuldade. A maioria recorta a palavra corretamente, mas não sabem ler. Salvo dois alunos que lê quase todas sem dificuldades. (profª do 1º ano).

Alguns alunos também ressaltam sobre o gosto pelo professor e sobre a importância das atividades de casa e a correção no dia seguinte. Eles até confessam sobre a ação do professor no ato da correção.

Eu gosto quando o professor passa atividade pra casa e corrige no outro dia. Primeiro ele pergunta quem fez depois ele passa olhando que fez mesmo ou quem *tava* inventando. Quase todas às vezes eu faço, só não faço quando eu não sei, nem minha mãe também não sabe. Aí quando o tio corrige eu vejo que era fácil de fazer e escrevo o que ele fez no quadro, aí se ele passasse de novo eu faria. Às vezes ele passa de novo um parecido, aí faço bem rapidinho. (aluno do 3º).

No depoimento supracitado percebemos a importância que a criança dá ao trabalho do professor na aplicação e correção das atividades propostas para casa. Já que o mesmo aprende muito com a mediação do professor. Segundo Lemes (2006), “O valor da aprendizagem escolar está na possibilidade de ajudar os alunos a atribuírem significados pessoais à cultura e à ciência, através de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor no processo de ensino aprendizagem” (p.26).

Nessa perspectiva percebemos que o professor tem deixado de exercer o papel de mero reproduzidor de conhecimentos e passa a ser o mediador e estimulador do aluno. Levando a construir valores e habilidades inerentes ao desenvolvimento do ser humano, possibilitando um melhor futuro às crianças.

Quase todos os alunos relatam o gosto pelas atividades que tenham desafios. Eles têm preferência pela ludicidade, a brincadeira já faz parte constante do vocabulário deles: “O que eu gosto mais é das brincadeiras na aula de Educação Física. (aluno do 3º).

O professor brinca só às vezes. Os melhores dias que eu acho é no com o tio Nino porque ele brinca com a gente e nós fazemos jogos pra ver quem ganha. Aí é muito divertido e eu gosto muito. (aluno do 3º).

Eu acho as atividades divertidas quando é com caça-palavras, pontinhos e bingo. Eu adoro bingo. Mas alguns amigos meus não conseguem encontrar as palavras, aí eu ajudo eles. (aluno do 1º ano).



Percebemos nos depoimentos acima de alunos das séries iniciais é que o gosto pela disciplina de Educação Física dar-se-á pelo fato de haver atividades lúdicas que os mesmos sentem prazer em realizar.

É preciso compreender como já foi citado anteriormente que atividades não deve ter caráter apenas lúdico, é necessário relacionar a uma ação pedagógica, construindo aprendizagem significativa. O conhecimento deve ser estimulado constantemente através das atividades desenvolvidas em sala de aula ou mesmo com atividades extraclasse. Porém é interessante reconhecer que as atividades lúdicas pedagógicas devem ser pensadas desde o planejamento até a execução em sala de aula. Porém, deve analisar se a atividade lúdica pode ser realizada de acordo com as necessidades dos alunos.

Diante dessa metodologia de atividades professores devem ter consciência que ao mesmo tempo em que ensina, ele também aprende, na verdade o ato de ensinar e aprender são compreendidos como um processo dialógico. Segundo Berbel (2011),

A participação do aluno se dá no exercício do aprender fazendo. Ao professor, cabe conduzir o processo metodologicamente, estimular as atividades dos alunos, apoiar e valorizar as iniciativas na direção do foco maior que é a solução ao problema em estudo. Nesse sentido, a cada etapa, realizam-se aprendizagens de várias ordens, como as de construção de instrumentos de busca de informações, tratamento das informações colhidas, análise, tomada de decisão, síntese, registros sistemáticos etc. (p.33).

Nessa perspectiva, consideramos uma educação capaz de formar cidadão mais críticos e mais conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

### **Relação Familiar: Descrição sucinta das famílias do grupo investigado**

A família do grupo investigado vive economicamente de trabalhos terceirizados, agricultura e a cultura do caju. Confiam e consideram a escola como uma possibilidade de ter uma vida mais digna futuramente.

No entanto, a família e a escola devem ser parceiras, caminhando juntas para dar mais apoio e estímulo a seus filhos. Sobre isso, Ferrari (2008) declara que “Tanto as descobertas de Piaget como as de Emília levam à conclusão de que as crianças têm um papel ativo no aprendizado. Elas constroem o próprio conhecimento - daí a palavra construtivismo”.(p.1).

Alguns pais dão seus depoimentos como sendo um agente do processo de ensino aprendizagem, mesmo considerando um trabalho difícil, mas reconhece que se faz necessário esse olhar para o contexto educacional de seus filhos: “Minha filha é muito estudiosa e todos os dias faço as tarefas com ela. Ela já sabe fazer sozinha, mas fico com ela pra ela saber que tem sempre alguém que a apoia. Ela é muito carinhosa comigo e com o pai dela.” (mãe de aluno do 3º ano).

Muitas vezes também eles reconhecem que as dificuldades partem de alguma necessidade familiar ainda não resolvida:

Meu filho é teimoso e às vezes eu perco a paciência com ele. Estou sempre de olho pra ele não aprontar. Porque é muito danado e acabo caindo e se machucando. (mãe de aluno o 3º ano).

Tenho apenas ela de filha mulher e um irmãozinho com 12 anos que faz o 7º ano nessa mesma escola. Desde pequenininha eles brincam de escola, ele ensinando ela e agora ela já quer ser a professora dele (risos). Aprendeu quando ainda eram muito novas, algumas palavrinhas, eu também ajudo todos os dois. Eles são muito amigos, mas às vezes é claro se estranham, mas nada grave”. (mãe de aluno do 1º ano).

A contribuição da família é inevitável no desenvolvimento dos filhos, tanto os pais como os irmãos, avós, tios, enfim todos que direto ou indiretamente estão ligados a criança e que possa dar sua contribuição na educação do mesmo. Tiba (1999) acrescenta, “Tanto na família quanto na escola, há a necessidade de orientação às crianças quanto às regras disciplinares, para que elas possam desenvolver a capacidade de concentração e de apreensão dos conceitos.” (p.45).

Percebemos também que a afetividade familiar contribui no processo cognitivo do aluno na escola. Isso porque eles sentem mais apoio por parte de todos que o rodeiam efetivando seu desenvolvimento com mais significância. O aluno que tem sucesso na escola provém não necessariamente de uma boa estrutura familiar. Porém, é uma maioria. Como relata a mãe de uma aluna do 3º e 2º ano:

Minha filha é muito querida. O pai dela trabalha durante o dia, mas sempre vem almoçar em casa porque ela gosta de almoçar com ele. Ele é um pai muito atencioso e muito carinhoso. Nos finais de semana sempre vamos ao parquinho na praça e depois vamos comer pizza. (mãe de aluno o 3º ano).

Tratamos muito bem nossos filhos. Damos muito carinho e a educação pra mim e o pai dela é essencial para o futuro deles. Ela é muito tímida diferente do irmão. Mas em casa eles se dão muito bem. (mãe de aluno do 1º ano).

Dessa forma, a parceria da família e a escola tornam-se crucial ao desenvolvimento da criança. Mas, apesar de percebermos a importância da parceria entre ambos, constatamos que ainda é notório o distanciamento entre a família e a escola. Principalmente a família das crianças mais problemáticas na escola.

A aprendizagem requer um processo de atividades diversas, segundo Coelho (2001) “A aprendizagem escolar é assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino” (p.11).

Nessa perspectiva poderemos considerar como essencial as relações da criança com sua família como também com seus pares dentro do ambiente escolar.

Numa conversa com a professora de uma das crianças investigada, foi possível constatar que existe uma atenção e uma relação confiável entre escola e grande parte de pais, mas também existe um enumerado de pais que são totalmente alheios a situação pedagógica dos filhos.

Na verdade, ela afirma ponderosamente que as crianças que apresentam um melhor rendimento são aquelas que são mais bem assistidas pelos pais e as que não são apresentam rendimentos inferiores ao esperado.

## Considerações Finais

Um dos fatores que vem sendo um obstáculo na aprendizagem das crianças é a indisciplina. Outro fator citado pelos professores é o apoio dos pais que ficam ausentes durante quase todo ano letivo, não comparecendo nem nas reuniões de pais e mestres. Porém, é preciso esclarecer que em sua maioria os pais fazem-se presentes na educação dos seus filhos.

Diante das observações e entrevistas, constatamos que os mesmos têm procurado desenvolver um bom trabalho, realizando atividades de uma forma que facilitem a aprendizagem de seus alunos. Reconhecem também que as crianças, no entanto, demonstram mais afinidades nas disciplinas e aulas que são desenvolvidas de forma lúdica e procuram planejar e organizar suas aulas de forma lúdica para chamar atenção das crianças.

Nessa perspectiva, professores e núcleo gestor estão sempre envolvidos em prol de elaborar estratégias que venham atender a essas necessidades. Como por exemplo, o reforço realizado na escola, através do Programa denominado Luz do Saber, que atende aos alunos do 1º ao 5º que apresentam dificuldades de aprendizagem, e que não conseguem avançar em sala de aula.

Os professores colocaram que alguns alunos conseguem avançar consideravelmente de nível de aprendizagem. Isso porque a professora do reforço trabalha com muitos jogos e até utilizam mídia como computadores, para realizar algumas atividades propostas.

Coletamos através das entrevistas com os professores, respostas sobre os fatores que os mesmos consideram como obstáculos na aquisição da aprendizagem, como já foi anteriormente além da indisciplina e falta de apoio dos pais, tem também aqueles que citam. As dificuldades de leitura e escrita, sendo diagnosticada através de atividades propostas que alguns alunos apresentam o nível muito inferior ao necessário a turma que estão ingressando.

Porém, todos eles citam a indisciplina como sendo um dos maiores fatores que interferem na aprendizagem de seus alunos. Mas percebemos que a indisciplina pode ter uma maior causa que vai além de sua postura de comportamento. Onde um dos professores citou que muitas vezes a indisciplina deles se deve pelo fato dos mesmos se sentirem incapazes de acompanhar o nível dos outros. Essa professora colocou a possibilidade de trabalhar de acordo com a rotina recebida, dando ênfase às atividades lúdicas e diferenciadas. Porque essas atividades de forma desafiadora, com jogos e com ludicidade conquista o interesse da criança de participar das atividades propostas pela professora em sala de aula ou extraclasse quando é desafiadora.

A professora citou várias formas de conseguir essa conquista, como por exemplo, atividades, com jogos e materiais concretos, onde o mesmo brinca para aprender, ou melhor, aprende brincando. Porém, essas atividades precisam sempre ser direcionadas e orientadas, obedecendo a regras.

Em relação a respostas dos alunos percebemos o amplo interesse nas atividades lúdicas, dando ênfase na sua favorita que é a disciplina de Educação Física, relatando como sendo a melhor. E quando conversamos mais eles citam o professor da disciplina como sendo o melhor, isso pelo fato do mesmo propiciar a eles atividades que as consideram com sendo divertidas e desafiadoras. Porque segundo os alunos, o professor de Educação Física faz várias atividades que o fazem competir de maneira legal e divertida. Disseram que aprendem brincando.

Percebemos também que a relação entre a escola e a família é bem alargada dentro das possibilidades de cada uma, onde os pais colaboram de forma pontual na dinâmica da escola e a escola procura ser o espaço de viabilização de parceria na educação de seus filhos, fazendo com os pais sintam-se confortáveis e confiantes no papel da escola.

O núcleo gestor sempre procura estar apoiando os professores e esses se sentem acolhidos de forma valorosa e pedagógica pelo grupo, criando um espaço de relacionamento participativo. Conseqüentemente, dessa forma a escola como todo estar unida com o objetivo de superar as dificuldades dos alunos e promover a educação de qualidade para todos.

Enfim, para concluir, reconhecemos através desse trabalho que os sujeitos pesquisados aprendem com mais facilidade quando lhe é proposto atividades lúdicas.

Porém, na análise realizada percebemos que é necessário que os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, precisam de atendimento diferenciado dentro da escola, podendo ser extra a sala de aula. Reconhecemos também que os fatores são diversos, mas o mais significativo e mais notório é a necessidade de inclusão de atividades diferenciadas dentro do mesmo contexto escolar.

Nessa perspectiva, após a análise e conclusão dessa pesquisa reconhecemos a importância de colaborar efetivamente com a escola. Firmamos então o compromisso de contribuir de forma direta na efetivação de um trabalho direcionado as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

## Referências

ALMEIDA, Rejane Maria de. **As dificuldades de aprendizagem: repensando o olhar e a prática no cotidiano da sala de aula.** Florianópolis, 2002.

AMORIM, Galeno org.. **Retratos da leitura no Brasil** / Organizador Galeno Amorim. - São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

ARDILA, Rubén. **J.B. Watson, a psicologia experimental e o condutismo 100 anos depois.** Artigo. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. 2013.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, 2009.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e educação**, 2 ed Ver. E ampl. Curitiba: bolsa nacional do livro, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, Ana Carmen. **Associação Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem Específicas.** APPDAE, 2013. Disponível em <<http://www.appdae.net/disgrafia.htm>>. Acesso em 27/dez./2018.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BEST, J. W. Como investigar em educacion, 2 ed. Madrid. Ed. Morata, 1972.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** – ECA. Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Deporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Referencial Curricular e Nacional para a Educação Infantil**. V3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAJATY, Claudia Queiroz, **a aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização monográfica**. Fortaleza, 2003.

CARICCHIA, D. C. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. 2011. Disponível em <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>>. Acesso em 09/jan/2019.

CIASCA, S. M. Distúrbios de Aprendizagem: uma questão de nomenclatura. **Revista Sinpro**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 04-08, out. 2003.

COELHO, Paulo. **Histórias para Pais, Filhos e Netos**. São Paulo: Globo, 2001.

COLL, César Salvador. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

CURY, Augusto Jorge. **Inteligência multifocal**: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. 8. ed. rev. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CRUZ, M. L. R. M. **Estratégias pedagógicas para alunos com dificuldades de aprendizagem**. Artigo. 214. Disponível em <<http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/5-cruz.pdf>>. Acesso em 9/jan/2019.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-V/ (American Psychiatric Association). 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FERRARI, Marcio. **Emilia Ferreiro**, a estudiosa que revolucionou a alfabetização. 2008. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>>. Acesso em 09/jan/2019.

FERREIRO, Emilia. Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Ieta M.(Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas,1995.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FLICK, E.v. Kardorff. **A Companion to Qualitative Research**. London: SAGE, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura.

FRIEDMANN, Adriana. **Segredos do mundo lúdico**. In Caderno do Nepsid, n-1,1ª. Edição, 2003.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GATTI, Bernardete. A Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.** Campinas, v.31, n. 113, p.1355-1379, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENEZ, E. H.R. Dificuldade de aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem. **Revista de Educação**. V.8, n.8, 2005.

GOODMAN, Yetta M. **conhecimento das crianças sobre a alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HENGEMÜHLE, A. **Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Professor Empreendedor Preparando Pessoas Empreendedoras: Limitações e Possibilidades**. Projeto de Pesquisa Pós-doutorado. Porto Alegre, 2012.

ILIOVITZ, Erica Reviglio. **Letramento e alfabetização no exercício da docência: aspectos teóricos e práticos**. Comunicação apresentada no Encontro Nacional de Letramento. João Pessoa-PB, 21 a 24.05.2008.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, Especial, p. 797-818, out. 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. Marina de Andrade Marconi; Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. Coleção primeiros passos. São Paulo. Nova Cultural Brasiliense, 1985.

LEMES, Rhodolfo Pereira. **Os fatores que interferem no processo de Ensino e aprendizagem: UniCEUB - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**. Brasília, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Aléssio Costa. **O sistema permanente de avaliação da educação básica do Ceará (SPAECE) como expressão da política pública da avaliação educacional do estado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará – UECE. Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA, Fortaleza, 2007.

LUNA, F. S. **Psicogênese da língua escrita: o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental**. TCC. Lins, SP: Unisalesiano, 2013.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização - Método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?**. Artigo. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

MOTA, Grazielle Cristina. **Fatores comportamentais que interferem no processo de aprendizagem**. Cornélio Procópio: FAKCEN, 2013.

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer. A Infância e a adolescência**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1994.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Inteligência na criança**. Suíça: Editora Guanabara, 1987.

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

SEABRA, A. G., DIAS, N. M.; CAPOVILLA, F. C. **Avaliação Neuropsicológica Cognitiva: leitura, escrita e aritmética**. Vol. 3. São Paulo: Editora Memnon, 2013.

SCHUTZE, F. **Biographieforschung und Narratives Interview**. Neue Praxis, 3: 283-93, 1983.

SISTO, F. F. **Avaliação de dificuldades de aprendizagem: uma questão em aberto**. Bragança Paulista: Vozes, 2001.

SMITH, Corine. **Dificuldade de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOUZA, O. A e LOCH, V. V. **A escola e a família em parceria**. Curitiba: Base Editora, 2008. (Coleção Família e Escola 2).

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

TEBEROSKY, Ana; COLOMBER, Tereza. **Aprender a ler e escrever – uma proposta construtiva**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TELES, P. **Dislexia: Método Fonomímico - Abecedário e Silabário**. Lisboa: Distema, 2009.

TIBA, Içami. **Disciplina na medida certa**. São Paulo: Gente, 1999.

TRIVINÓS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

\_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

VALLE, Ione Ribeiro. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.13, n.38, p.411-437, jan./abr.2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

### Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Verônica Holanda da; HENGEMÜHLE, Adelar. Análise dos fatores que interferem na aprendizagem de alunos do 1º ao 3º do Ensino Fundamental no município de Ocara. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45 SUPLEMENTO 1, p. 502-532. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24/05/2019;

Aceito 28/05/2019